

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ALINE RENATA HIRANO

**MOTIVAÇÃO COMO FERRAMENTA NO APRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2012

ALINE RENATA HIRANO



**MOTIVAÇÃO COMO FERRAMENTA NO APRENDIZADO DA LÍNGUA
INGLESA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA Orientador(a): Prof. MSc Joice M. Maltauro
Juliano

MEDIANEIRA

2012



TERMO DE APROVAÇÃO

Motivação como Ferramenta no Aprendizado da Língua Inglesa

Por

Aline Renata Hirano

Esta monografia foi apresentada às 20:20 h do dia **23 de novembro de 2012** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. M.Sc. Joice M. Maltauro Juliano
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof^a Esp. Floida M. R. C. Batista
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a Esp. Márcia Andrade Fonseca Schnekenberg
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. M.Sc. Janete Santa Maria Ribeiro
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho a minha querida mãe e a todos os professores que de alguma forma contribuem para uma educação melhor no Brasil.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo seu amor incondicional e pela Sua eterna presença e cuidado.
Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora, professora M.Sc Joice M. Maltauro Juliano, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação. Em especial à tutora Neuza Maria Barbosa de Oliveira Antunes e Cylmara Wandscheer pelo imenso carinho e constante incentivo.

A minha querida amiga Maria Pacheco Rolim pelo seu companheirismo e auxílio.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram para realização desta monografia.

“Ensinar é uma arte baseada na ciência. Os melhores professores são aqueles que compreendem os diversos fatores pessoais e sociais operando dentro da sala de aula, e que, através de uma observação sensível e de métodos precisos, constroem experiências de aprendizagem que se tornarão congruentes, além de se moverem na mesma direção das expectativas de seus alunos (tradução nossa).”
Schumann (1975)

RESUMO

HIRANO, ALINE RENATA. Motivação como Ferramenta no Aprendizado da Língua Inglesa. 2112. 22 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

Este trabalho nasceu da observação da desmotivação dos alunos frente às aulas de Inglês e suas consequências prejudiciais para estes assim como para os professores, uma vez que os objetivos traçados para o ensino/aprendizado da língua não eram alcançados satisfatoriamente. Diante disso, objetivou-se por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo junto dos alunos da rede pública buscar respostas para a desmotivação para o aprendizado de Inglês e, também, apresentar estratégias que possam propiciar a motivação para a aprendizagem dessa língua. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário respondido por 76 alunos de uma escola estadual de Foz do Iguaçu, sendo eles divididos em três turmas do ensino Fundamental. Por meio das respostas podemos perceber que os alunos possuíam um grau de motivação considerável, uma vez que elas foram bastante positivas quanto à apreciação em estudar e aprender a língua Inglesa. Foram, também, dados bastante importantes para confirmar alguns apontamentos colocados no primeiro capítulo acerca dos itens para tornar uma aula mais motivadora (vídeo, música, participação dos alunos, entre outros).

Palavras-chave: Inglês. Desmotivação. Motivação Intrínseca e Extrínseca.

ABSTRACT

HIRANO, Aline Renata. Motivation as a tool in the learning of English Language. 2012. Número de folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

This work came through from the observation of students' demotivation face to English classes and their consequences detrimental to them as well as for teachers, since the objectives outlined for teaching/learning the language were not satisfactorily achieved. The research objective is through literature and field research among public school students seek answers to the motivation for learning English and also provide strategies that can provide the motivation for learning this language. The data **were** collected through a questionnaire answered by 76 students at a public school in Foz do Iguacu. They **were** divided into three classes of elementary school. Through the responses we **could** see that the students have a considerable degree of motivation, since they were very positive about the process of studying and learning English. **The data were** also very important to confirm some notes **showed** in the first chapter about the items to make a lesson more motivating (video, music, student participation, etc.).

Keywords: English. Demotivation. Intrinsic and **Extrinsic** Motivation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apreciação dos alunos em estudar inglês.....	22
Figura 2 – A importância em se aprender inglês na visão do aluno.....	23
Figura 3 – Recursos para facilitar o aprendizado de inglês.....	24
Figura 4 – Motivos para a participação e realização das atividades.....	24
Figura 5 – Opinião dos alunos quanto ao aprendizado de Inglês.....	25
Figura 6 – Autoavaliação do desempenho na disciplina de Inglês.....	26
Figura 7 – Motivos para o baixo desempenho em Inglês.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MOTIVAÇÃO: ESSÊNCIA DA APRENDIZAGEM	12
2.1 MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	13
3 A MOTIVAÇÃO SOB O OLHAR DO ALUNO	19
3.1 Metodologia.....	19
3.1.1 Tipo de Pesquisa.....	19
3.1.2 Perfil dos sujeitos, material e métodos.....	19
4 ANÁLISE DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1 SUGESTÃO DE ATIVIDADES DE MOTIVAÇÃO	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	31
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE	34

1 INTRODUÇÃO

Iniciaremos esse trabalho descrevendo uma cena típica e triste da sala de aula de algumas escolas brasileiras, sendo ela pública ou privada. A professora de inglês entra na sala e vê o desânimo no rosto dos alunos, alguns parecem expressar a opinião de muitos: “Você finge que ensina e nós fingimos que aprendemos” e a educadora, para conseguir ministrar sua aula, visando controlar a desordem dos discentes, passa um texto bastante longo no quadro e lhes solicita que o traduzam com a ajuda de dicionários.

Felizmente existem docentes que não agem dessa forma, assim como alunos que querem e buscam aprender inglês. Diante disso, podemos nos perguntar: o que faz diferenciar tanto essas duas realidades? A maneira como os professores agem em sala? O próprio anseio dos alunos pela aprendizagem de uma nova língua? A junção dessas duas alternativas? Espera-se trazer respostas ou ao menos suposições ao término desse estudo, auxiliando assim professores e alunos na construção do conhecimento.

A motivação por essa pesquisa nasceu da observação da desmotivação dos alunos diante do aprendizado de Língua Inglesa que, conseqüentemente, prejudica a assimilação do conteúdo proposto e dos objetivos traçados.

Motivação é definida por Falcão (p.62, 2001), como “um estado de tensão, uma impulsão interna, que inicia, dirige e mantém o comportamento voltado para um objetivo”, ou seja, nossas ações são guiadas pelo quanto somos motivados em praticá-las. A partir do momento que não temos vontade de fazer certas tarefas, o processo e o resultado destas serão, substancialmente, afetados de forma negativa.

A falta de motivação é o principal problema enfrentado na sala de aula, uma vez que o aluno desmotivado dificilmente aprenderá e, além disso, a indisciplina tenderá a surgir, como afirma a pesquisadora Dorildes Michelon em seu trabalho sobre a motivação na aprendizagem da língua inglesa: “a desmotivação se revela, entre outros fatores, pela falta de interesse, pela falta de atenção, pela não valorização da disciplina, e pelo não envolvimento nas tarefas propostas pelo professor.” (MICHELON, p. 01, 2003)

O ensino de Língua Inglesa, assim como as demais disciplinas, necessita ter uma busca constante em proporcionar a motivação intrínseca no aluno a partir de uma motivação extrínseca (ECCHELI, 2006).

Existe a necessidade de mostrar ao aluno que aprender uma nova língua é totalmente possível e que isso será algo transformador na sua vida pessoal e social. Contudo, como isso deve e pode ser feito? Como preparar aulas e atividades que auxiliem o aluno a se tornarem motivados em aprender Inglês na escola e fora dela?

Diante desses questionamentos, criar mecanismos de motivação é essencial para que professor e aluno possam construir um ambiente de aquisição de conhecimento. Portanto, buscou-se conhecer que mecanismos e atividades dentro da prática de sala de aula podem proporcionar a motivação para a aprendizagem de língua inglesa.

Esse objetivo foi alcançado através do referencial teórico apresentado nos capítulos a seguir e por meio de uma pesquisa junto aos alunos da escola pública sobre quais práticas em sala os tornam mais motivados para aprender. Os resultados foram obtidos através da coleta e análise de dados contidos no questionário respondido pelos estudantes.

2 MOTIVAÇÃO: ESSÊNCIA DA APRENDIZAGEM

Não há nada mais prazeroso do que fazermos o que gostamos. Os resultados tendem a ser bastante superiores, uma vez que estamos motivados a fazer, continuar fazendo e buscar fazer cada vez melhor, já que essa ação nos traz satisfação.

Motivação é definida por Falcão (p.62, 2001) como “um estado de tensão, uma impulsão interna, que inicia, dirige e mantém o comportamento voltado para um objetivo.” Spratt, Pulverness e Williams (2005) a veem como os pensamentos e sentimentos que nos levam a querer a fazer algo, bem como a querer continuar a fazê-lo e tornar essa vontade em ação. Já Michelon (p. 02, 2003,) explicita de forma clara o desenvolvimento da motivação:

O indivíduo, ao nascer, traz consigo impulsos inatos que geram necessidades e resultados potenciais, bem como influenciam as crenças e valores, tanto pessoais como sociais. As crenças e valores, que são, também, influenciadas pelo contexto social, se refletem em suas atitudes. A partir de suas crenças e valores, o indivíduo faz escolhas, manifesta seu querer, e essas escolhas passam a ser seus objetivos. O desejo de atingir esses objetivos, somado às atitudes favoráveis a sua própria realização, levam-no a despende esforço, a agir. A manutenção desse esforço ocorre na medida em que haja perspectiva de satisfação de alguma de suas necessidades. A necessidade satisfeita - o objetivo alcançado - propicia-lhe um sentimento de satisfação que fortalece sua autoconfiança e o estimula a despende novo esforço para atingir outro objetivo.

Existem duas correntes de motivação: a intrínseca e a extrínseca. A primeira é aquela que parte do próprio ser, ou seja, de seus desejos e aspirações pessoais. Já a segunda é provocada por acontecimentos externos que, conseqüentemente, estará auxiliando a construção da motivação intrínseca (RODRÍGUEZ, 2006). Como diz Eccheli (2008) “(...) todo evento que aumentar a percepção da própria competência ou proporcionar um *feedback* positivo acerca da performance numa dada atividade, tenderá a aumentar a motivação intrínseca.”

2.2 MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

É importante e necessário esclarecer que não faremos distinção ao longo desse trabalho do conceito de Língua Estrangeira (LE) e Segunda Língua (L2), apesar de se ter claro a diferença entre ambas. Enquanto a L2 está inserida no contexto diário do aprendiz, vindo este a aprender uma nova língua por meio da exposição cotidiana, geralmente informal, a LE está mais relacionada ao contexto formal, como o ambiente escolar (DÖRNYEI, 1990 apud MICHELON, 2003).

Podemos ter um exemplo claro desta distinção na cidade de Foz do Iguaçu em relação à Língua Inglesa, onde os aprendizes geralmente a aprendem como Língua Estrangeira (LE) pelo fato da maior parte de seu ensino ser em ambientes formais e pelo pouco contato em situações cotidianas. Contudo, em relação à Língua Espanhola, podemos afirmar que os estudantes iguaçuenses podem vir a adquirir uma L2, devido à exposição a diversas situações corriqueiras em que o espanhol é utilizado.

Gardner diferencia motivação relacionada à aquisição de uma segunda língua em duas classes: a aprendizagem motivada por impulsos pessoais e aquela gerada a partir da sala de aula. Segundo ele, a primeira classe caracteriza-se pela busca do aprendiz em estar em constante aprendizado, aproveitando qualquer oportunidade para aprender ou reforçar algo que já tenha aprendido. Já a segunda classificação terá a influência de todos os participantes do ambiente escolar, das próprias características dos estudantes, da metodologia e conhecimento do professor, entre outros fatores. (GARDNER, 2007)

Para o autor a aquisição de uma segunda língua pode ser dividida em quatro estágios:

- a) **Elementar**: quando o aprendiz adquire conhecimento básico relacionado ao vocabulário, pronúncia, gramática, entre outros;
- b) **Consolidação**: nessa etapa, inicia-se o ganho de autonomia do aprendiz. Este, com o conhecimento que tem da nova língua, começa a criar regras, baseadas naquelas que já internalizou. Como uma criança quando está aprendendo a falar que tende generalizar uma mesma regra gramatical, baseada naquilo que já aprendeu, por exemplo, ao dizer “Eu sabo” ao invés de “Eu sei” pela relação que faz com outros verbos.

- c) **Expressão consciente:** o aprendiz tem maior domínio da língua e, portanto, se expressa de forma mais consciente. É comum ver em seu discurso expressões de hesitação, própria da língua mãe (é..., hum...). Além disso, há uma constante busca de auxílio na primeira língua em como se expressar na língua em aprendizado.
- d) **Automaticidade e pensamento:** nesta fase, a segunda língua passa a fazer parte do aprendiz. Este não pensa mais sobre a língua, mas na língua. Torna-se, portanto, algo automático em vários contextos. (GARDNER, 2007)

Essa divisão em estágios do desenvolvimento da aquisição de uma segunda língua é bastante semelhante ao de Krashen que faz distinção entre adquirir e aprender uma língua estrangeira. Segundo ele, a primeira é bastante similar ao aprendizado da língua mãe, isto é, ocorre de forma natural, inconsciente em relação às regras gramaticais, mesmo percebendo os erros pelo simples fato do que se ter falado parecer errado, “soar” errado; já a segunda, o estudante aprende as regras gramaticais e as utiliza de forma consciente. Segundo o estudioso, muitos teóricos dizem que os adultos alcançariam o processo de aprendizagem e não o de aquisição, pois este estaria apenas ao alcance das crianças. (KRASHEN, 2009)

Independente da nomenclatura referente ao aprendizado de uma nova língua ou das fases de seu processo, é fato que este só será possível se existir motivação para seu início e desenvolvimento, uma vez que o término não deveria existir, já que é importante o constante contato com a língua alvo.

Aprender sem motivação é algo totalmente ilusório. Estar motivado nos auxilia a querer aprender e a buscar conhecimento. Portanto, proporcionar atividades que auxiliem na motivação extrínseca para que a intrínseca possa surgir é fundamental. Isso permitirá que o aluno busque por si próprio o conhecimento e tenha um aprendizado prazeroso e verdadeiro. Além disso, saber que se está aprendendo é muito gratificante e acontecerá se eles buscarem. Conforme explicita Eccheli:

Contudo, existe ainda a possibilidade da aprendizagem extrinsecamente motivada conduzir à motivação intrínseca, na qual o aluno, ao sair da escola, continuaria buscando informações para compreender o mundo em que vive, possibilitando-lhe uma atitude crítica frente aos fatos e conseqüentemente maior autonomia. (ECCHELI, 2008)

Falcão também contribui com esse ponto dizendo:

(...) a grande aspiração da escola deve ser o desenvolvimento, na criança, de motivação intrínseca ao estudo e ao saber (...). No entanto, quantas vezes o que se consegue é tornar o estudo apenas meio para a obtenção de uma nota, de um elogio, de um presente, ou o que é pior, meio para evitar um castigo ou uma surra!" (FALCÃO, 2001, p.65)

Para Gardner, definir motivação não é uma tarefa simples, por isso ele prefere partir pela caracterização dos indivíduos motivados. Segundo o pesquisador, estes expressam esforços em alcançar os objetivos; têm expectativas sobre o sucesso ou as falhas na realização de ações relacionadas aos seus anseios; quando alcançam algum grau de sucesso, tendem a demonstrar autoeficácia; além disso, são autoconfiantes em relação ao próprio desempenho. As razões para este comportamento são chamadas de motivos, isto é, o que os impulsiona a agir em busca do alcance de seus objetivos é a motivação causada pelas razões (motivos) em alcançá-los. (GARDNER, 2005)

Mas como tornar o aluno motivado? Como proporcionar a motivação intrínseca? Não é uma tarefa fácil! Contudo necessária! O professor necessita criar um ambiente onde o aluno se sinta confortável para errar, mas que veja resultados em seu aprendizado. É importante o desenvolvimento de atividades que despertem a curiosidade do discente e que estejam adequadas ao nível de conhecimento dele. Não se deve oferecer nada muito fácil e nada muito difícil, mas sim atividades desafiadoras e possíveis.

Como afirma Eccheli:

(...) o professor, como organizador da situação de aprendizagem, pode influenciar o nível de motivação dos alunos através da determinação das atividades propostas, das formas de avaliação e informações sobre o desempenho dos alunos nas atividades realizadas. Por isso, se o professor quiser promover a motivação, deve planejar tarefas adequadas ao aluno. (ECCHELI, 2008)

Há várias razões que levam as pessoas a serem motivadas em aprender outras línguas. Dentre elas estariam o interesse intelectual, a curiosidade, o desejo por viagem, amizades, conhecimentos, prestígio, carreira, estudos, entre outros (NOELS, 2001).

Partindo desse pressuposto, podemos citar os dois tipos de motivação identificados por Gardner & Lambert em sua obra *Attitudes and Motivations in Second Language Learning* (1972): A motivação integrativa, caracterizada pela vontade de se integrar a um grupo de falantes da língua alvo, para tornar possível a comunicação e o compartilhamento de informações, experiências e ideias e a motivação instrumental, cujo objetivo do aprendizado está pautado em benefícios pessoais, voltados ao prestígio social e melhores oportunidades de emprego e, por conseguinte, melhora da situação financeira. (apud OLIVEIRA, 2007)

É importante o professor conhecer os alunos para partir de seus interesses na escolha e preparação de atividades motivacionais. Spratt, Pulverness e Williams (2005) afirmam que existem vários fatores que influenciam a motivação na aquisição de uma segunda língua, sendo eles: a utilidade em saber bem uma língua, como por exemplo, em conseguir um bom emprego, boas notas, bolsas de estudo; interesses pessoais na cultura da língua que está aprendendo; se sentir bem pelo fato de estar aprendendo e tendo sucesso na aquisição de uma nova língua; ser encorajado por terceiros (professores, pais, amigos) a aprender; e os próprios interesses no processo de aprendizagem relacionados às atividades em sala, ao professor, entre outros.

Um dos grandes estudiosos da área, o húngaro Zoltán Dörnyei (2001) identificou seis pontos cruciais na motivação em sala de aula: o entusiasmo do professor, o sentimento de encorajamento do professor, a sensação de que o professor realmente acredita no potencial dos alunos; o relacionamento entre o docente e a turma; um ambiente de sala de aula com uma atmosfera confortável e segura; e a valorização da participação e das ideias dos alunos. Como observado, a criação de um ambiente motivacional está totalmente ligado à atuação do professor e por isso ter conhecimento de como proporcionar isso ao aluno é fundamental.

Segundo Dörnyei (2001), para considerarmos alguém motivado devemos observar a combinação de três itens fundamentais:

- a) **Esforço**: o aluno sempre faz as tarefas requisitadas e, também, outras voluntariamente; Além disso, está sempre em contato com situações e materiais que o ajudem a aprender;
- b) **Desejo**: há uma busca constante em alcançar os objetivos;
- c) **Satisfação**: o aprendiz sempre verá as atividades com entusiasmo, como algo prazeroso, desafiador e divertido.

Outra pesquisadora que complementa esse ponto de vista é Nilceia Oliveira em seu trabalho sobre as características do bom aprendiz. Buscando responder por que algumas pessoas aprendem melhor do que outras, mesmo estas despendendo tanto esforço, apresentou um referencial teórico com as variáveis do aprendiz: motivação e atitude, estilo cognitivo e personalidade. Por meio de um estudo de caso, Oliveira conclui que além de motivação, o aprendiz necessita ter atitude. Portanto, segundo ela, o sucesso na aprendizagem é influenciado pela complementação dessas duas características. (OLIVEIRA, 2007)

Baseado nos estudos de Zoltán, o estudioso Ken Wilson (2012) traçou dez itens que devem ser levados em conta no momento do planejamento e atuação em sala de aula, são eles: 1) tornar os alunos curiosos; propor desafios a eles; 2) evitar o óbvio, ou seja, tarefas muito fáceis; 3) remeter-lhes responsabilidades acerca do aprendizado; 4) surpreendê-los na sala, “fugindo” do conteúdo imaginado por eles que seria repassado, partindo para algo novo e divertido; 5) utilizar ferramentas interessantes para eles como recursos de aprendizagem em sala de aula, como a internet nos celulares; 6) valorizar suas habilidades; 7) explorar sua criatividade e imaginação; 8) conhecer os alunos a fundo, estando consciente de seus interesses e de suas habilidades; 9) ter alguns minutos de descontração para conversar com os alunos e mostrar interesse por suas vidas pessoais 10) tornar o relacionamento alunos-professor como uma “teia de aranha” onde o professor, juntamente com os alunos, construam o conhecimento por meio de trocas de informações.

Para complementar esses itens, Falcão (2001) chama a atenção para a importância de se oferecer atividades atraentes e deixar claro como os alunos podem satisfazer seus anseios pela aprendizagem através delas, ou seja, esclarecer ao discente o porquê da atividade o ajuda a se tornar motivado a fazê-la.

Como explicitado acima, estar motivado a aprender uma segunda língua é acima de tudo querer aprendê-la. A partir do momento que isso acontece os resultados no processo ensino-aprendizagem terão uma possibilidade enorme de ter bons resultados e, por conseguinte, os objetivos tanto do professor quanto do aluno serem cumpridos.

Objetivando comparar a teoria aqui estudada com a realidade presente na escola pública, apresentaremos no capítulo a seguir a motivação em aprender a língua inglesa sob o ponto de vista do aluno. Espera-se proporcionar um melhor

entendimento sobre esse processo para, assim, motivar ações em busca do sucesso no ensino/aprendizagem de inglês.

3 A MOTIVAÇÃO SOB O OLHAR DOS ALUNOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os dados coletados na pesquisa e compará-los aos apontamentos anteriores. Além disso, mostrar a visão dos alunos sobre o que lhes motiva no processo ensino/aprendizado de língua inglesa. Espera-se que as questões aqui levantadas sejam de grande utilidade para o desenvolvimento das aulas de inglês, auxiliando todos os participantes a obterem o principal objetivo de professores e alunos: conhecimento.

3.1 METODOLOGIA

3.1.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, se desenvolveu por meio de pesquisa bibliográfica e de campo. Segundo Marconi e Lakatos, a metodologia qualitativa “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” e em relação a pesquisa de campo os mesmos autores sugerem que esta tem como vantagem “o estudo de uma ampla variedade de fenômenos, permite identificar conjunto de atitudes e de comportamentos e pode perceber sinceridade nas respostas” (MARCONI E LAKATOS, p. 269, 2006).

3.1.2 Perfil dos sujeitos, material e métodos

Essa pesquisa foi desenvolvida em uma Escola da região leste de Foz do Iguaçu. Foram pesquisados ao todo 76 alunos divididos em: 24 alunos do 6º ano entre 10 e 12 anos, sendo 11 meninos e 13 meninas; 25 alunos do 9º ano, entre 13 e 15 anos com 9 meninos e 16 meninas e 27 alunos do 3º ano, possuindo 12 meninos e 15 meninas, com 16 a 19 anos.

A coleta de dados foi efetivada por meio de questionário contendo 7 perguntas objetivas e uma questão subjetiva. Este foi aplicado com o auxílio das pedagogas da escola que agiram com gentileza e colaboração. Quanto aos alunos, os mesmos se mostraram bastante solícitos a participar da pesquisa. As perguntas entregues a eles

foram respondidas após a explicação da pesquisadora sobre o tema estudado, a importância do mesmo e a necessidade da veracidade nas respostas.

4 ANÁLISE DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÕES

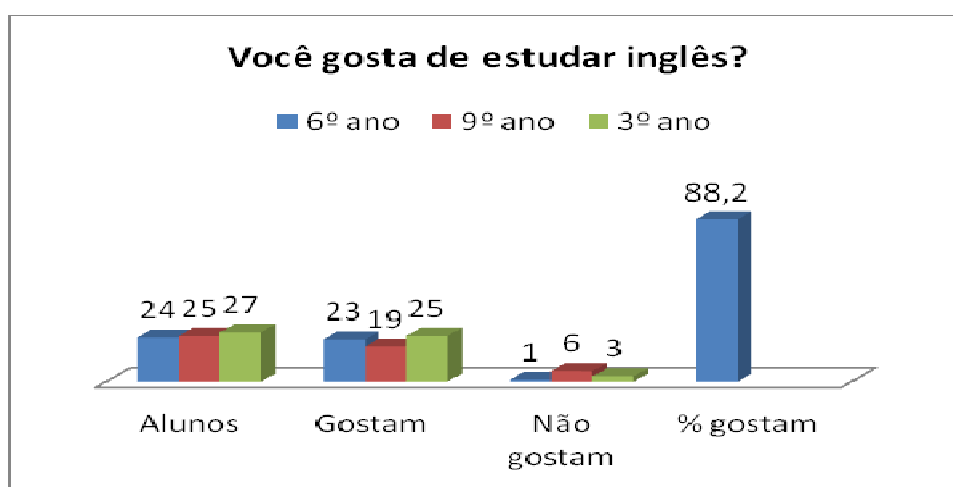
A seguir são apresentadas as perguntas contidas no questionário respondido pelos alunos, bem como suas respectivas respostas e uma análise comparando os dados coletados com a teoria estuda e apresentada no primeiro capítulo.

Com relação à primeira pergunta “Você gosta de estudar inglês?” objetivava-se observar a influência desta resposta sobre as demais, uma vez que a falta de interesse dos alunos é um dos itens que podem desmotivá-los a aprender. Conforme explicitado por Michelin (2003) em sua pesquisa sobre a motivação na aprendizagem da língua Inglesa citado no capítulo anterior.

Dos 76 alunos entrevistados, um do 6º ano; seis do 9º ano e três do 3º ano responderam não gostar de estudar essa disciplina. Sendo assim, a porcentagem dos estudantes que apreciam a disciplina de língua inglesa é bastante alta, o que mostra um ponto positivo para aprendizagem dessa matéria. Além disso, podemos perceber um maior número de alunos que afirmam gostar entre os do 6º ano. Isso, possivelmente, ocorra devido ao contato recente dos alunos com as aulas de inglês, já que muitos deles não tiveram essa disciplina anteriormente, portanto, as perspectivas tendem a ser mais elevadas.

No entanto, com o passar dos anos, a indisciplina, a desmotivação dos próprios professores, a falta de recursos na escola e em casa para investimento na educação, muitas vezes dificultam o desenvolvimento de um aprendiz que acredita que realmente é possível aprender e com qualidade no ensino público.

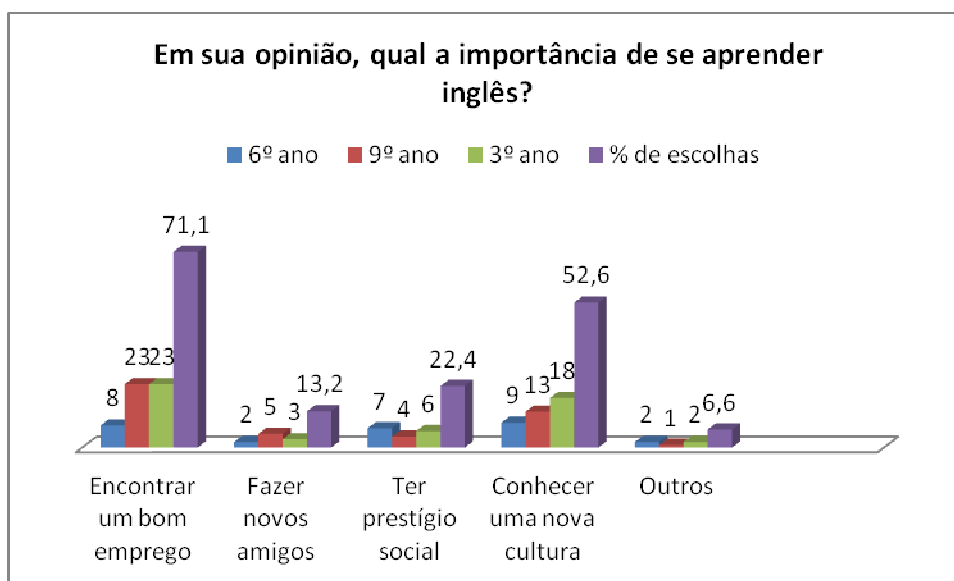
Figura 1 – Apreciação dos alunos em estudar inglês



A segunda pergunta “Em sua opinião, qual a importância de se aprender inglês” possibilitou a escolha de mais de uma alternativa como resposta. Observou-se que o maior número de escolhas foi “*Encontrar um bom emprego*”, principalmente pelos 9º e 3º anos. Isso é justificado pela fase diferenciada em que o grupo desses jovens se enquadra, uma vez que a partir dos 14 anos já é possível entrar no mercado de trabalho e a necessidade de uma segunda língua é um requisito que possui um diferencial bastante significativo no currículo de qualquer trabalhador, principalmente àqueles que não possuem experiência profissional anterior.

Esse dado está de acordo com exposto no primeiro capítulo por meio das palavras de Noels (2001) ao citar as várias razões que levam as pessoas a se motivarem em aprender uma segunda língua, sendo que a carreira profissional está entre os itens expostos pelo autor. Contribuem, também, com esse dado Spratt, Pulverness e Williams (2005) ao afirmar que conseguir um bom emprego está entre os fatores que influenciam o aprendizado de inglês.

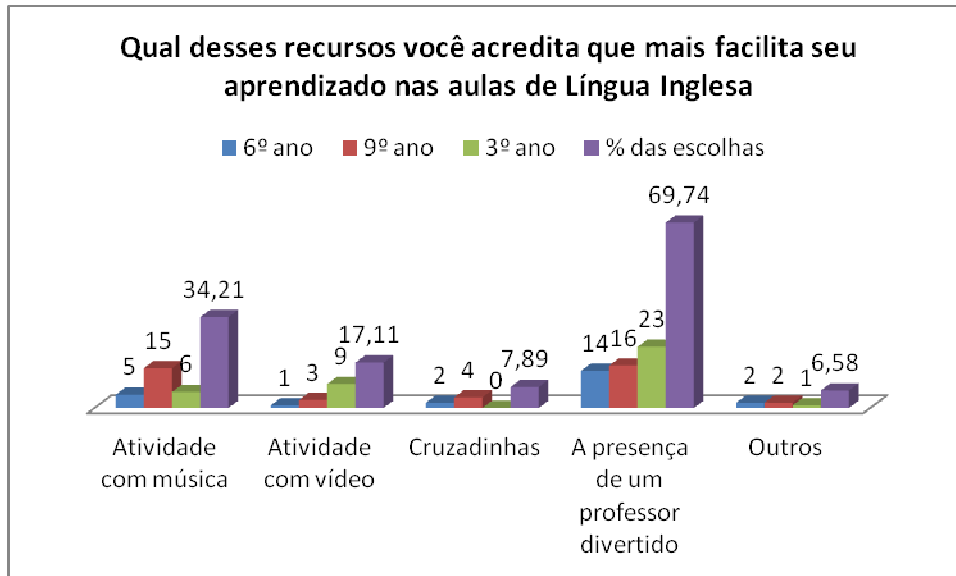
Figura 2 – A importância em se aprender inglês na visão do aluno



A próxima questão “Qual desses recursos você acredita que mais facilita seu aprendizado nas aulas de língua inglesa?”, assim como a anterior, os alunos poderiam optar por mais de uma alternativa. Observamos que a resposta predominante entre todas as turmas foi a presença de um professor divertido com aproximadamente 70% das escolhas, mostrando o grande papel que o professor exerce sobre a motivação em aprender dos alunos. Estando de acordo com o que foi explicitado no tópico 1.2 “Motivação no ensino de uma língua estrangeira” por meio

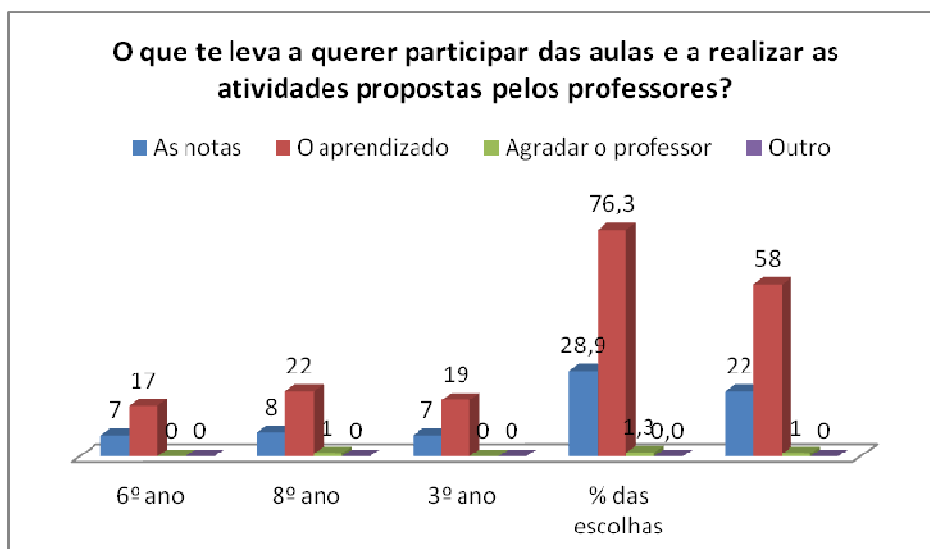
dos estudos de Eccheli (2008) sobre a importância do docente sobre a motivação em aprender do estudante.

Figura 3 – Recursos para facilitar o aprendizado de inglês



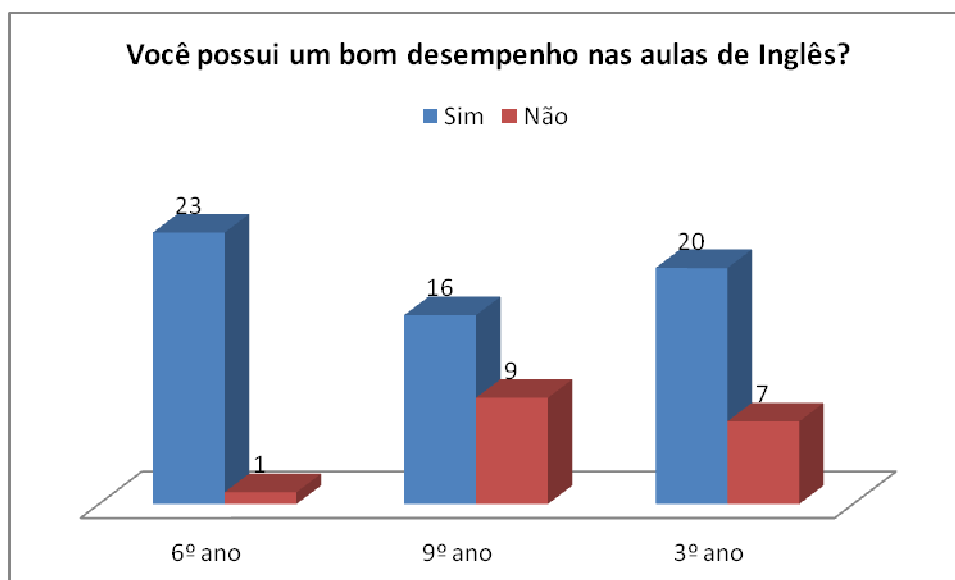
A 4ª pergunta “O que te leva a querer participar das aulas e realizar as atividades propostas pelos professores” teve como maior parte das escolhas o aprendizado como item prioritário para participação nas aulas. Percebemos que essa resposta foi unânime entre todos os participantes. Isso é bastante satisfatório, uma vez que, infelizmente, o desinteresse dos alunos pelo próprio desenvolvimento educacional é facilmente visível entre muitos jovens e a consequência disso é o déficit no aprendizado. Conforme exposto por Oliveira (2007) sobre a importância da motivação e da atitude em relação ao sucesso na aprendizagem da Língua Inglesa.

Figura 4 – Motivos para a participação e realização das atividades



A questão seguinte pedia para que o aluno se autoavaliasse em relação ao aproveitamento nas aulas de inglês. Caso a resposta fosse negativa, ele deveria responder a 7ª pergunta que solicitava qual o motivo que o discente atribuía ao aproveitamento deficitário na disciplina de Língua Inglesa.

Figura 6 – Autoavaliação do desempenho na disciplina de Inglês



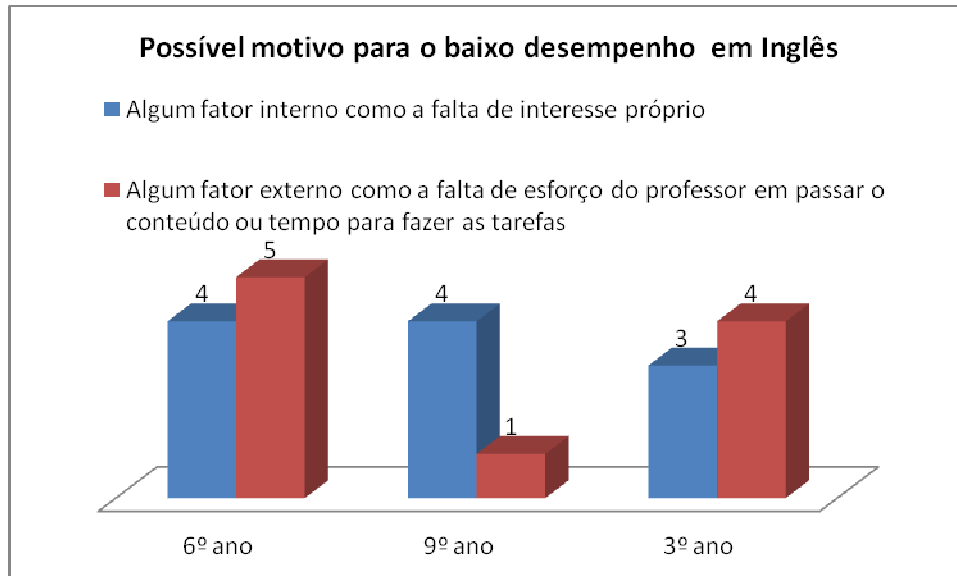
Como podemos analisar, apenas 16 alunos de 76 acreditam ter um desempenho inadequado nas aulas de inglês. O número entre o 9º e 3º ano é bastante superior ao 6º ano. Levando-nos a acreditar que há uma maior motivação por parte dos alunos dessa série. Esse dado é muito importante, pois verifica-se a necessidade de ações preventivas nos anos iniciais que permitam o fortalecimento do interesse por aprender inglês, reforçando as palavras de Falcão expostas no capítulo anterior:

(...) a grande aspiração da escola deve ser o desenvolvimento, na criança, de motivação intrínseca ao estudo e ao saber (...). No entanto, quantas vezes o que se consegue é tornar o estudo apenas meio para a obtenção de uma nota, de um elogio, de um presente, ou o que é pior, meio para evitar um castigo ou uma surra!" (FALCÃO, 2001, p.65)

A 7ª pergunta objetivava compreender a razão do baixo desempenho dos alunos e interligá-la a fatores internos e externos. Uma vez que conhecendo os motivos que levam a desmotivação, poderemos traçar metas para evitar ou combater essa situação. Como citado no capítulo anterior baseado nos estudos de Eccheli (2006) é importante favorecer a motivação intrínseca por meio da extrínseca

e para que isso seja possível é necessário conhecer se a desmotivação é influenciada por fatores próprios do aluno ou causados por algum envolvendo fatores externos.

Figura 7 – Motivo para o baixo desempenho em Inglês



A última questão instigava os alunos a descreverem uma aula que os agradaria a participar e que poderia motivar a busca de seu aprendizado da Língua Inglesa. Possivelmente, essa seja uma das mais importantes perguntas do questionário, uma vez que possibilita abertura para o aluno se expressar de forma mais ampla e auxiliar por meio de seu discurso, qual seria a característica que uma aula de inglês deveria possuir para ajudá-lo a se motivar a favor da aprendizagem.

Entre o 6º ano, a maior parte dos estudantes afirmava gostar de aulas divertidas, onde houvesse a participação dos alunos. Dentre as diversas respostas podemos citar a de dois alunos que escreveram “*Eu queria ter uma aula de inglês que a professora tenha uma boa explicação*” e “*Falar em inglês a aula toda e ser corrigido pelos erros*”, isso nos mostra a influência do papel do professor no aprendizado e a vontade dos alunos em realmente aprender inglês.

Como já salientado por meio dos estudos de Eccheli:

(...) o professor, como organizador da situação de aprendizagem, pode influenciar o nível de motivação dos alunos através da determinação das atividades propostas, das formas de avaliação e informações sobre o desempenho dos alunos nas atividades realizadas. Por isso, se o professor quiser promover a motivação, deve planejar tarefas adequadas ao aluno. (ECCHELI, 2008)

O 9º ano mostrou-se bem interessado com a presença de vídeos e músicas nas aulas *“Aulas com vídeos de música, você apresentar trabalhos usando clipes de artistas que você gosta seria mais aproveitativo. Com música se aprende mais”*. Outra explanação bastante pertinente *“Um professor divertido, que explique bem o conteúdo e saiba falar com os alunos que se encontram com dificuldade. Não precisa ficar só na diversão, mas também nem tanto as atividades, tem que se completarem.”* E ainda uma fala um tanto quanto interessante, mostrando que a indisciplina atrapalha a motivação em aprender daqueles que realmente querem *“Uma boa explicação e bem clara do professor e cooperação dos alunos para que haja um bom aproveitamento”*.

O 3º ano teve como maioria de suas respostas a necessidade de mais recursos tecnológicos para auxiliar no ensino/aprendizagem e a presença de músicas, vídeos, jogos, entre outros recursos; como podemos confirmar com as frases a seguir *“Uma aula com mais recursos tecnológicos como TV, vídeos, músicas, slides e trabalhos mais criativos”* e *“Uma aula mais dinâmica com mais recursos de aprendizagem, não usando somente o livro/apostila mais atividades dirigidas, exercícios”*. Além disso, algo que nos chama a atenção é a vontade alguns alunos em utilizar apenas a língua inglesa em sala *“uma aula feita somente com a presença da Língua Inglesa”* e *“a presença de um civil de língua inglesa”*.

A afirmações acima apresentam bastante relação ao explicitado por Ken Wilson (2012) sobre as estratégias de como instigar os alunos a quererem aprender inglês presente no tópico

Os questionários de modo geral proporcionaram um resultado melhor que o esperado quanto a motivação dos alunos em relação as aulas de inglês. Por meio das respostas podemos perceber que os discentes possuíam um grau de motivação considerável, uma vez que estas foram bastante positivas quanto à apreciação em estudar e aprender a língua Inglesa.

De acordo com os apontamentos expressados neste capítulo percebemos a importância de conhecer os alunos, bem como seus interesses e levar em

consideração esses itens, objetivando proporcionar um conhecimento real, não como o expressado na introdução desse trabalho, com uma narrativa triste mas um tanto quanto comum das aulas de inglês, onde o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende.

Acreditamos que se os professores ouvissem mais os alunos, as aulas seriam mais proveitosas e os objetivos seriam mais próximos de serem alcançados. No entanto, existe a necessidade de se valorizar a classe docente, pois muitas vezes sua atuação não é melhor pela falta de incentivo de órgãos maiores.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para uma maior qualidade do ensino de língua inglesa, uma vez que o seu aprendizado é de extrema importância para proporcionar maiores oportunidades aos alunos, diminuindo as diferenças em um mundo tão seletivo e desigual.

4.1 SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE MOTIVAÇÃO

Conforme os dados coletados e o exposto no segundo capítulo é importante o planejamento de aulas que favoreçam os itens citados pelos alunos como motivadores.

Seguindo os ensinamentos de Ken Wilson (**se tiver o ano coloque**), já citados no capítulo anterior, poderíamos ter as seguintes atitudes no planejamento de aulas:

- **Suscitar a curiosidade dos alunos:** trazer imagens que despertem a curiosidade dos alunos e trabalhar os mais diversos itens através dela, como vocabulário e frases relacionadas à língua alvo seria uma alternativa.
- **Desafiá-los:** proporcionar jogos ou outras atividades em grupos que requerem a participação de todos de forma divertida e prazerosa, como perguntas em inglês sobre verdadeiro e falso em relação a imagem mostrada anteriormente, tendo como principal objetivo a descontração da turma de forma lúdica.
- **Evitar o óbvio:** trazer assuntos que promovam o interesse dos alunos, como histórias de vidas que propiciem uma reflexão.
- **Desenvolver senso de responsabilidade:** realizar atividades em grupo e delegar aos próprios alunos ações que contribuam com o aprendizado dos colegas, bem como de si próprio.

- **Fugir do estipulado no planejamento:** surpreender os alunos com algo novo inesperado por eles, como passeio, música, filmes, entre outras atividades.
- **Utilizar as tecnologias do mundo digital dos alunos:** permitir o uso das ferramentas tecnológicas dos estudantes, como o uso do Google para uma pesquisa relacionada a algum assunto que está sendo discutido em sala.
- **Descobrir quais são as habilidades dos alunos e seu interesses:** começar as aulas como uma autobiografia é uma boa dica para coletar informações essenciais para o planejamento e sucesso das aulas.
- **Fazer um intervalo:** proporcionar momento de descontração durante as aulas é muito importante para auxiliar os alunos na assimilação do conteúdo e para não deixar as aulas se tornarem cansativas; Relacionar o assunto estudado com algum fato que seja do conhecimento deles é uma boa alternativa.
- **Tornar o processo ensino-aprendizagem como uma teia de aranha:** o professor deve propiciar tanto quanto possível a participação dos alunos nas ações realizadas na sala de aula, permitindo que todos possam interferir na construção do conhecimento.

Colocar em prática essas estratégias é uma forma interessante de saber se elas podem dar certo. O que temos certeza é que se conseguirmos motivar nossos alunos por meio de nossas ações estaremos contribuindo para o ensino/aprendizagem, permitindo que o conhecimento realmente aconteça, pois quando alguém ensina e outra pessoa aprende, podemos dizer que o conhecimento foi construído; e o mais fantástico é que tanto professor quanto aluno ocupam ambos os lugares **fundamentais** nesse contexto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

A motivação nada mais é que o impulso que nos leva a querer fazer algo e fazer com satisfação e por prazer. Estar motivado proporciona que as ações desenvolvidas sejam mais bem desempenhadas. Diante disso, a motivação presente no processo/aprendizagem é fundamental para que ele ocorra da melhor forma possível.

Diversas pesquisas já foram feitas relacionando motivação e aprendizado, uma vez que se tem observado a grande influência que esta possui sobre todas as atividades desempenhadas pelo ser humano. No entanto, há muito a se estudar, diante de tantos questionamentos acerca do crescente desinteresse estudantil em aprender.

Através desta pesquisa e dos questionários aplicados foi possível confirmar a importância do papel do professor na motivação intrínseca e extrínseca dos alunos e do planejamento de aulas que despertem o interesse deles, como a utilização de músicas, vídeos, brincadeiras que despertem o prazer por aprender.

É fato que o culpado pela desmotivação dos alunos em aprender inglês na escola pública ou privada não é de forma alguma o professor. Sabemos que há vários problemas de ordem política e social que impedem muitas vezes os docentes de desempenharem seu potencial, o que vem tornando-os desmotivados com sua profissão. Contudo, é importante lembrar que mesmo a classe de educadores não tendo culpa das consequências da desmotivação no aprendizado, acreditamos que eles são sim a chave fundamental para que isso não ocorra, seja combatido e/ou ao menos amenizado.

Fica registrado a sugestão de mais pesquisas juntos dos alunos e os outros coparticipantes do ambiente educacional acerca dos motivos da desmotivação e por meio dos dados coletados, ações como planos de aulas que favoreçam a implantação dos itens sugeridos pelos alunos de uma aula motivadora.

REFERÊNCIAS

COTE, Robert A; WAUGH, Linda. **Motivation and Its Role in Language Acquisition**. Dec, 2004. Disponível em: < <http://english6.net/m/motivation-and-its-role-on-language-acquisition-w172.html> >. Acesso em: 20 set. 2012

DÖRNYEI, Zoltan. **Motivational Strategies in the Language Classroom**. Cambridge University Press, 2001.

_____. **Motivation and Second Language Acquisition**. Natl Foreign Lg Resource Ctr, 2001. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=7MELVJorM6AC & printsec= frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=7MELVJorM6AC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false) Acesso em: 29 set. 2012.

ECCHELLI, Simone Deperon. A motivação como prevenção da indisciplina. **Educar em Revista**, n. 38, Curitiba: 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 04 abr. 2012

FALCÃO, Gérson Marinho. **Psicologia da Aprendizagem**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2001.

GARDNER, R.C. **Motivation and Second Language Aquisition**. Porta Linguarium 8, 2007. Disponível em: <http://publish.uwo.ca/~gardner/docs/SPAIN_TALK.pdf. > Acesso em: 20 set. 2012

_____. **Integrative motivation and second language acquisition**. Canadian Association of Applied Linguistics/Canadian Linguistics Association. Joint Plenary Talk, may 30, 2005, London, Canada. Disponível em: <<http://publish.uwo.ca/~gardner/docs/caaltalk5final.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2012.

KRASHEN, Stephen. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. University of Southern California, 2009. Disponível em: < [http://www.sdkrashen.com/Principles and Practice/Principles and Practice.pdf](http://www.sdkrashen.com/Principles_and_Practice/Principles_and_Practice.pdf)> Acessado em: 20 set. 2012

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006

MICHELON, Dorildes. A motivação na aprendizagem da língua inglesa. **Revista Língua e Literatura**. URI de Frederico Westphalen/ RS, ano IV/ V, n. 8/9, 2002/2003. Disponível em: <http://www.fw.uri.br/publicacoes/linguaeliteratura/artigos/n8_6.pdf> Acesso em 13 out. 2012.

NOELS, Kimberly A. New orientations in language learning motivation: Towards a model of intrinsic, extrinsic and integrative orientations. In: Z. Dörnyei & R. Schmidt (Eds.) **Motivation and second language acquisition** (pp. 43-68). Honolulu, HI: University of Hawai'i Second Language Teaching and Curriculum Centre.

OLIVEIRA, Nilceia Bueno de. **Caracterizando o bom aprendiz de segunda língua: um estudo de caso com foco nas diferenças individuais**. Paraná: 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/358-4.pdf>
Acesso em: 13 out. 2012.

RODRIGUEZ, Jackeline Ospina. La Motivación, Motor del Aprendizaje. **Revista Ciencias de la Salud**. Vol.4, n. 2. Bogotá: Jul/Dec, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-7273200600020>
Acesso em: 04 abr. 2012

SPRATT Mary; PULVERNESS Alan; WILLIAMS, Melanie. Motivation. In:____. **The TKT Course: Teaching Knowledge Test**. Cambridge University Press, 2005. Cap. 9, p.38-40

APÊNDICE

Questionário – Alunos

O questionário a seguir faz parte do trabalho de pesquisa referente à motivação em aprender a língua inglesa “Motivação como Ferramenta de Aprendizado em Língua Inglesa”. Este faz parte dos itens obrigatórios para a certificação de pós-graduação do curso da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) “Métodos e Técnicas de Ensino”.

1) Você gosta de estudar inglês?

() sim

() não

2) Em sua opinião, qual a importância de se aprender inglês?

() encontrar um bom emprego

() fazer novos amigos

() ter prestígio social

() conhecer uma nova cultura

() Outros: _____

3) Qual desses recursos você acredita que mais facilita seu aprendizado nas aulas de língua inglesa?

() atividades com música

() atividades com vídeo

() Cruzadinhas

() a presença de um professor divertido

() Outros: _____

4) O que te leva a querer participar das aulas e realizar as atividades propostas pelos professores?

() as notas

() o aprendizado

() agradar a professor (a)

() Outro: _____

- 5) Enumere as afirmações a seguir de 1 a 4, sendo que 1 representa a resposta que mais tem relação com sua opinião e 4 aquela que menos se assemelha a ela. Caso haja alguma afirmação que apresente o mesmo grau de importância, marque o mesmo número nos parenteses.

Eu quero aprender inglês porque:

- acredito que um dia isso será útil para encontrar um bom emprego;
- acredito que facilitará meu entendimento acerca do dia a dia e da cultura das populações que falam inglês;
- estarei apto a conhecer e conversar com os mais variados tipos de pessoas;
- o conhecimento de duas línguas me auxiliará a ser uma pessoa mais culta.
- outra razão: _____

- 6) Você possui um bom aproveitamento das aulas de inglês?

Sim não.

- 7) Se a resposta for não a questão anterior, a que você atribui esse resultado?

- algum fator interno como falta de interesse próprio.
- algum fator externo como a falta de esforço do professor em passar o conteúdo ou falta de tempo para fazer as tarefas.

- 8) Descreva, de forma sucinta, uma aula de inglês que te agradaria participar e que você acredita que aprenderia com mais motivação.
